



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS-FRANCÊS

Romário Santos

**O PODER DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO:
REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA SUBJETIVA**

Maceió
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS
LICENCIATURA EM LETRAS-FRANCÊS

Romário Santos

**O PODER DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO:
REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA SUBJETIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Letras-Francês da Universidade Federal
de Alagoas como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Letras-Francês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosária Ribeiro

Maceió
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237p Santos, Romário.
O poder da literatura na formação do indivíduo : reflexões sobre uma experiência de leitura subjetiva / Romário Santos. – 2023.
25 f. : il.

Orientador: Rosária Ribeiro.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Francês) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 25.

1. Literatura. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Leitura subjetiva. I. Título.

CDU: 82



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO ALUNO ROMÁRIO SANTOS

MATRÍCULA: 14210849

TÍTULO DO TCC: O poder da literatura na formação do indivíduo: reflexões sobre uma experiência de leitura subjetiva

Aos 5 dias do mês de dezembro do ano de 2023, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof.^a Orientador/a: Rosária Cristina Costa Ribeiro

1º Prof. examinador: Marcio Alexandre Cruz

2º Prof. examinador: Yann Jean Christophe Hamonic

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 8,5 (oito inteiros e cinco décimos)

1º Prof./a Examin./a: 8,5 (oito inteiros e cinco décimos)

2º Prof./a Examin./a: 8,5 (oito inteiros e cinco décimos)

totalizando assim a média 8,5 (oito inteiros e cinco décimos) e autorizando os trâmites legais. Estando todos de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 5 de dezembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br ROSARIA CRISTINA COSTA RIBEIRO
Data: 05/12/2023 10:53:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Orientadora

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCIO ALEXANDRE CRUZ
Data: 05/12/2023 10:18:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º Prof. Examinador

Documento assinado digitalmente
gov.br YANN JEAN CHRISTOPHE HAMONIC
Data: 05/12/2023 10:28:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º Prof. Examinador

Documento assinado digitalmente
gov.br KALL LYWS BARROSO SALES
Data: 05/12/2023 11:29:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

VISTO DA COORDENAÇÃO



inclusão
expansão
inovação

Universidade Federal de Alagoas - Ufal
Coordenação da Faculdade de Letras – Fale
Sítio: www.fale.ufal.br E-mail:
coordlet@ufal.br Fone (82) 3214-1333

Dedico este trabalho com imensa gratidão a minha família, que sempre esteve ao meu lado, incentivando e me apoiando em todos os momentos, e àqueles que acreditaram em mim, aos que me encorajaram, aos que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis e aos que sempre celebraram minhas conquistas. Esta é a prova de que, quando nos cercamos de pessoas especiais, podemos alcançar grandes realizações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aos meus familiares que tiveram paciência e compreensão nos momentos de dedicação integral a esta jornada acadêmica.

Um agradecimento especial aos professores que contribuíram para meu crescimento intelectual e pessoal. Vocês foram mais do que meros transmissores de conhecimento, foram mestres inspiradores, que despertaram em mim a paixão pelo aprendizado e pela busca constante do conhecimento.

Não posso deixar de mencionar o esforço pessoal, a luta diária enfrentando inúmeros desafios ao longo dessa formação. Foram dias de estudo intenso, noites sem dormir, momentos de incertezas, mas tudo valeu a pena. Hoje me sinto mais forte, mais preparado e mais confiante para encarar os obstáculos que a vida me apresentar.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma reflexão sobre minha experiência como professor em formação em uma ação de extensão em que apliquei a abordagem da leitura subjetiva a um grupo de discentes do ensino médio em uma escola estadual de São Miguel dos Campos. A ação ocorreu entre os dias 18 de agosto e 2 de outubro de 2023. Adotamos como referencial teórico de base para nossas reflexões Selma Pimenta e Maira Lima (2010), que abordam a relação entre teoria e prática no processo de ensino/aprendizagem a partir de uma perspectiva que concebe essa relação em termos dialéticos; Antonio Candido (1995) e Laura da Silva Paula (2012), que tratam do papel humanizador que tem a literatura; e Rosiane Xypas (2018a, 2028b), que fornece uma reflexão sobre a abordagem da leitura subjetiva. Pudemos verificar, com essa experiência, que o texto em sala de aula quando abordado na perspectiva da leitura subjetiva permite romper com o modelo tradicional de abordagem do texto literário, que, no lugar de promover uma educação significativa, ativa, formadora do leitor, reflete a ideia de que a escola é um lugar de manutenção do *status quo* social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; ensino/aprendizagem; leitura subjetiva.

RÉSUMÉ

Ce mémoire présente une réflexion sur mon expérience en tant que professeur en formation dans le cadre d'une action d'extension où j'ai appliqué l'approche de la lecture subjective à un groupe d'élèves du secondaire dans une école publique de São Miguel dos Campos. L'action a eu lieu du 18 août au 2 octobre 2023. Nous avons adopté comme cadre théorique les travaux de Selma Pimenta et Maira Lima (2010), qui traitent de la relation entre la théorie et la pratique dans le processus d'enseignement/apprentissage d'un point de vue dialectique ; Antonio Candido (1995) et Laura da Silva Paula (2012), qui abordent le caractère humanisant de la littérature ; et Rosiane Xypas (2018a, 2028b), qui propose une réflexion sur l'approche de la lecture subjective. Avec cette expérience, nous avons pu constater que le texte en classe, lorsqu'il est abordé du point de vue de la lecture subjective, permet de rompre avec le modèle traditionnel d'approche du texte littéraire. Ce modèle, au lieu de favoriser une éducation significative, active et formative du lecteur, reproduit l'idée de l'école comme lieu de maintien du *statu quo* social.

MOTS-CLÉS : Littérature ; enseignement/apprentissage ; lecture subjective.

SUMÁRIO

Introdução	1
1. A leitura em sala de aula: considerações teóricas em busca de uma prática docente significativa	5
1.1. Da relação entre teoria e prática no processo de ensino/aprendizagem: de uma relação dicotômica para uma relação dialética	5
1.2. Refletindo sobre a literatura na escola ou do caráter humanizador da literatura.....	8
1.3. O texto literário na sala de aula: a abordagem leitura subjetiva.....	9
2. Um encontro com a prática docente: minha experiência no processo de formação de leitores.....	13
2.1. O curso: descrição do espaço, objetivo, público-alvo, duração e materiais.....	13
2.2. Breve descrição dos encontros: diário de bordo.....	13
3. Reflexões sobre a prática docente desenvolvida neste trabalho	21
Conclusão	23
Referências bibliográficas.....	25

Introdução

Proveniente de uma escola pública, fui admitido na universidade durante o segundo semestre de 2014. Minha trajetória foi marcada por várias quebras de paradigmas. A primeira delas foi a superação de fatores contextuais, familiares e de amizades, para seguir um caminho totalmente atípico em comparação com muitos jovens do meu contexto. Optei por priorizar a vida acadêmica em vez de buscar inserção imediata no mercado de trabalho local, onde as opções estariam, em grande parte, limitadas a empregos no comércio local, funções vinculadas a favores políticos ou trabalhar em usinas de cana-de-açúcar.

Durante esse período, estava empregado em uma rede de supermercados. Ao receber a notícia da minha aprovação no curso, tomei a decisão de pedir demissão e utilizei o valor da rescisão para adquirir meu primeiro notebook, assegurando minha permanência na universidade. Enfrentei diversas adversidades, e, nesse momento, o apoio da minha progenitora foi de fundamental importância; sem ele, os passos subsequentes não teriam sido possíveis.

Minhas escolhas tiveram um impacto logo nos primeiros meses de estudo, levando-me a perceber o quão distante estava do ideal de aluno esperado pela instituição. Surgiram dúvidas sobre se o meio acadêmico era realmente o meu lugar. Essas incertezas se somaram a um contexto familiar conturbado, marcado por problemas com um parente alcoólatra. Este familiar, em muitas ocasiões, se envolvia em conflitos com outros membros da família e terceiros, o que teve um impacto significativo no meu desempenho acadêmico durante os primeiros dois anos.

Com o passar dos períodos, persisti, mesmo sem ter clareza sobre o meu futuro como professor de Francês. Houve um momento em que a permanência na universidade se tornou mais desafiadora. Devido ao fato de trabalhar desde jovem, psicologicamente me senti estagnado, muitas vezes experimentando uma sensação de inutilidade. Essa situação se refletia nas discussões familiares, onde constantemente apontavam o fato de que, do ponto de vista econômico, eu não contribuía para o lar. Esse período foi particularmente desanimador para mim como estudante.

Além disso, enfrentei minha primeira greve universitária, uma de um total de três ao longo da minha trajetória acadêmica. Isso me distanciou progressivamente do curso, e

a única força que me impulsionava a continuar era a fuga da sensação de fracasso. Após superar essa turbulência psicológica e familiar, tive a oportunidade de ir para Maceió em busca de emprego nas proximidades da universidade. Contudo, isso teve um custo elevado - algumas matérias foram prejudicadas e o estresse aumentou. Como alguém do interior, eu não tinha ideia de como seria viver na capital e os gastos associados à locomoção. Esse período foi profundamente marcante para mim, pois contei com o apoio de verdadeiros amigos de curso que, de maneira bela, me apoiaram e apresentaram meu caso à professora Regina Paes (na época, Vice-Reitora). Esses amigos são guardados com carinho na minha memória, e espero revê-los um dia.

Fui chamado à universidade e, ao conversar com a professora, lembro-me da seguinte frase: “Hoje estou onde estou graças a tantas pessoas que me estenderam as mãos, e essas mesmas mãos eu estendo a você”. Esse momento foi marcante para mim. A partir daí, recebi uma ajuda de custo da universidade, o que me reanimou e permitiu melhorar minha participação na instituição. Tornei-me parte de um projeto de extensão em Graciliano Ramos (bairro de Maceió) na ONG 'Graciliano é uma graça', onde pude desenvolver um trabalho apresentado na 9ª semana de letras.

Posteriormente, tudo seguia tranquilamente, mas a vida, com suas imprevisibilidades, trouxe a pandemia do COVID-19, o que mais uma vez me afastou do convívio acadêmico. Tentei dar continuidade ao curso de forma remota, porém, nesse período, enfrentei uma perda familiar devastadora: meu irmão mais novo foi morto de maneira violenta. Diante desse doloroso cenário, vi-me diante de uma escolha difícil: persistir no curso ou renunciar a tudo para cuidar de minha mãe, que enfrentava a dor da perda do filho, seguida de um divórcio.

Como era meu irmão quem contribuía financeiramente em casa, decidi, na ausência dele, trancar o curso para buscar trabalho e assumir o cuidado de minha mãe. Esses eventos me distanciaram consideravelmente do ambiente universitário. Foi somente após três períodos que a coordenação entrou em contato, oferecendo a possibilidade de retomar e concluir o curso.

Durante o afastamento, vivi com a sensação de que havia falhado, mas essa nova oportunidade me trouxe ânimo. Enxerguei-a como uma chance de finalizar o que havia iniciado.

Ao retornar, pude me matricular em uma disciplina de estágio, que me proporcionou, sem que eu soubesse, novas perspectivas. Mantive-me no curso ao perceber o quanto ele foi crucial para minha formação pessoal. Através do contato com as visões veiculadas no universo acadêmico, oriundas do trabalho científico, da reflexão constante, da crítica, e tudo isso visando à emancipação social, ampliei meus horizontes e ressignifiquei aspectos importantes na minha vida.

Durante o estágio, fui encarregado de conceber um curso de extensão, tendo uma certa autonomia. Tornei-me o principal responsável pela possibilidade de me ver como professor, algo que nem sempre foi tão claro para mim. Em colaboração com a professora Rosária Cristina Costa Ribeiro, responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado de Língua Francesa 2, escolhemos a escola estadual do município onde atualmente resido, São Miguel dos Campos, para as atividades de regência. O presente trabalho consiste em um relato dessa experiência.

Essa experiência consistiu em uma tentativa de aplicar a abordagem da leitura subjetiva, tal como preconizada por Rosiane Xypas, no artigo intitulado “Para uma didática da implicação em leitura de textos literários: a função das marcas da subjetividade do leitor”, de 2018 e em seu livro intitulado *A Leitura Subjetiva no Ensino de Literatura: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor* publicado no mesmo ano. Com isso, procuramos romper com uma leitura dos textos e do mundo demasiado escolar, que não ativa efetivamente a consciência, que não forma efetivamente o leitor. Quisemos, pelo contrário, despertar a subjetividade daquele que lê e que responde ao texto que lê, mobilizando sua experiência. Esse processo faz despertar o sujeito, que acorda, ou passa a ser efetivamente humano, mobilizando suas capacidades de reflexão ao mesmo tempo em que se insere na cultura.

Se faço esta introdução, longa e, talvez, pouco habitual e mesmo inadequada em um trabalho acadêmico, é que achei necessário aqui fazer esse relato de uma experiência de vida, redigido por alguém que aprendeu a ler o mundo de uma outra forma, a partir de uma rica experiência dentro desse universo que é o universo acadêmico, que me forneceu uma ocasião ímpar de refletir de um modo diferente, levando em conta as contradições intrínsecas à existência humana e considerando a importância de uma leitura do mundo refletida, crítica. Essa experiência que tive, quis, de algum modo, transmiti-la a pessoas que experimentam uma realidade semelhante à realidade que eu experimentei, em minha

cidade, na condição de estudante oriundo de escola pública, conhecendo de perto uma realidade muitas vezes ignorada por uma parte da sociedade, que faz abstração das condições, inscrevendo todos em um lugar de igualdade que não se confirma na realidade.

No que concerne à ordem de exposição das ideias, procuramos, inicialmente, apresentar o quadro teórico que serviu de base para nossas reflexões. Estruturamos essa parte em três seções, cada uma dedicada a um subtema. A primeira, trata da relação entre teoria e prática e do caráter fundamental do lugar da teoria na formação do professor. A segunda, trata da importância da literatura na formação do ser humano. A terceira, por sua vez, apresenta as grandes linhas da abordagem da leitura subjetiva. Em seguida, em uma segunda parte, procuramos apresentar nossa experiência em sala de aula, descrevendo inicialmente o curso, apresentando seu objetivo, público-alvo, duração e materiais e o local onde ele teve lugar, para, depois disso, apresentar resumidamente o que desenvolvemos em cada encontro. Uma terceira parte é dedicada a uma reflexão sobre essa prática que desenvolvemos nesta ação de extensão. Finalmente, procedeu-se, então, à conclusão do trabalho.

1. A leitura em sala de aula: considerações teóricas em busca de uma prática docente significativa

Nos momentos iniciais de concepção do curso de extensão que será objeto das reflexões aqui apresentadas, me deparei com questões educacionais instigantes que me conduziram a uma profunda reflexão sobre o potencial de intervenção da literatura na vida dos alunos da rede pública de ensino, especialmente no que diz respeito à sua autoformação individual. Ao explorar diversas obras, tive a ocasião de entrar em contato com diálogos instigantes entre autores, que se revelaram fundamentais tanto para a redefinição da minha perspectiva sobre a literatura enquanto um meio de conhecimento formador, quanto para aprimorar minha prática como educador.

Nestas considerações teóricas, apresentarei, no que concerne aos fundamentos do estágio supervisionado e sua relação com a prática docente, algumas ideias retiradas de Pimenta e Lima (2010). Em relação ao caráter formativo da literatura, apresentarei brevemente algumas reflexões extraídas do livro intitulado *Teoria da Literatura*, de Laura da Silva Paula (2012). Essa discussão nos conduzirá às observações de Antonio Candido em seu já célebre texto intitulado “Direito à literatura”, de 1995. A conquista desse direito passa necessariamente, do nosso ponto de vista, pela apropriação do texto literário pelo sujeito leitor, discussão esta proposta nos textos de Rosiane Xypas e no conceito de leitura subjetiva (2018a; 2018b).

1.1. Da relação entre teoria e prática no processo de ensino/aprendizagem: de uma relação dicotômica para uma relação dialética

Além de considerar os conteúdos empregados em sala de aula, é imperativo refletir sobre a prática no ambiente escolar, incluindo a postura que o professor deve adotar nesse contexto, uma vez que a prática, por si só, apresenta diversas limitações. Em seu livro *Estágio e Docência*, Selma Pimenta e Maria Lima (2010), destacam a carência de teorias e práticas eficazes na formação do professor e a necessidade de abordagens mais robustas e impactantes no processo educacional.

As autoras destacam questões cruciais relacionadas ao papel do professor e ao seu significado, explorando pontos adicionais, como o perfil profissional em desenvolvimento, a contribuição da área na esfera social e nas estruturas de poder. Elas abordam também as relações

estabelecidas com os conhecimentos cientificamente produzidos, aspectos que, segundo elas, frequentemente são negligenciados nos programas disciplinares.

Gostaríamos, inicialmente, de destacar, entre esses temas, a desigualdade de poder presente nas estruturas curriculares, conforme apontado por Pimenta e Lima (2010). Esta disparidade se reflete na discrepância em relação às atividades curriculares, atribuindo menor prestígio às práticas mencionadas. Dessa forma, as autoras buscam, por meio da discussão sobre a *práxis*, evidenciar a importância da simultaneidade entre teoria e prática, particularmente em contextos de estágio, os quais são propícios para investigação. Toda profissão incorpora uma dimensão prática, e a aprendizagem ocorre por meio de imitação, observação ou reprodução de um modelo preexistente reconhecido como eficaz. Na prática, cada profissional escolhe o que se adequa ao seu contexto específico. As autoras destacam a polissemia presente na definição de um bom professor, apontando para as diversas interpretações associadas a esse termo no âmbito profissional.

O ensino tradicional, ainda muito presente na prática docente hoje, não contempla as novas demandas sociais às quais a escola deveria ser capaz de responder, colocando a responsabilidade do aprendizado exclusivamente na figura do aluno. Há aí uma tendência de reprodução da “prática modelar”, do que decorre a desvalorização da formação intelectual do professor, cuja atividade de ensino se reduz ao fazer “bem-feito”, culminando com o conformismo, que se manifesta nas práticas que terminam por reproduzir o conjunto de comportamentos institucionais dominantes. No que concerne ao estagiário, este muitas vezes praticamente se limita a observar o professor, reproduzindo o modelo observado, sem que haja qualquer inferência crítica ou reflexão de base científica quanto à eficácia.

Para Pimenta e Lima (2010), cada profissão exige uma gama de habilidades. No entanto, essas habilidades não são suficientes diante das problemáticas inerentes a cada profissão. Há uma dicotomia entre teoria e prática e, de algum modo, um esquecimento do caráter fundamental da dimensão teórica, o que pode ser observado quando se valoriza demasiadamente o “como fazer”, em detrimento do “por que fazer”, isto é, das justificativas teóricas, e, assim, cada vez mais o agir se desvincula da teoria.

As políticas governamentais nesse processo de formação não podem ser negligenciadas. Estas, porém, muitas vezes concebem programas que partem do pressuposto de que o problema é justamente a falta de conhecimento das técnicas e dos métodos. Isso pode ser observado na demanda por métodos e técnicas universais, por se acreditar que aí está o remédio

para os déficits da profissão. É preciso urgentemente reavaliar as práticas pedagógicas como uma forma de encontrar soluções para os desafios que permeiam o ambiente educacional. É preciso, ainda, fortalecer a interação entre a universidade e a escola, visto que nas instituições acadêmicas são conduzidas diversas pesquisas destinadas a discutir e abordar esses problemas de maneira mais aprofundada.

É preciso que o professor seja um profissional com autonomia e que este possa decidir sobre sua prática, a partir de um modo de pensar que lhe seja próprio, imbuído do rico aparato teórico de que dispomos hoje, com todo o desenvolvimento das ciências. Cabe à teoria fornecer um esquema de análise e investigação que permita conferir as práticas institucionalizadas um caráter reflexivo, fundamentado, mas provisório, porque a realidade é complexa, e deve ser constantemente objeto de crítica, a partir da prática. Isso tudo permite ao futuro professor compreender a complexidade das práticas institucionais e, a partir daí, agir com consciência. É importante observar que, segundo as Pimenta e Lima (2010), todas as disciplinas são práticas e teóricas de modo concomitante, contribuindo para a formação dos professores e a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer a educação.

Essas reflexões ressignificam o papel do estágio. A compreensão da realidade educacional pelo professor só se dará quando ele estiver efetivamente envolvido, sendo o sujeito de suas práticas. Esta, é claro, são importantes, é através delas que o processo de ensino/aprendizagem tem lugar, mas sem a dimensão teórica, fica difícil para o professor lidar com o caráter complexo da realidade que se impõe ao professor. Por essa razão, o estágio deve ser o lugar de formação dessa consciência teórica que tem implicações definitivas na prática. O estágio, na visão de Pimenta e Lima (2010), ao contrário do que se considerava, não é apenas prática, mas teoria, que deve estar na base da *práxis* docente. Ele é uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos futuros professores. Deve, nesse sentido, ser igualmente um espaço de pesquisa, com a possibilidade de se usar momentos de aula como *corpus* de pesquisa, levando o aluno estagiário-pesquisador a buscar soluções para questões que surgem em contexto de prática escolar. É preciso, assim, conferir ao estagiário a oportunidade de ele ter uma postura investigativa. Nesse processo dialético, forma-se, então, um profissional pensante, produtor de conhecimento, e não um simples aplicador de técnicas.

Uma vez o professor assumindo o protagonismo, ele estará, ao assumir uma postura de pesquisador, protegido dos modismos, e das apropriações indiscriminadas e sem crítica,

afinal, não basta conhecer as ideias em voga em uma determinada época, é necessário considerar a realidade social com a qual essas ideias são constantemente confrontadas, pois o conhecimento é um produto social e histórico, se produzindo no interior de um processo dinâmico, vivo, em constante mudança.

1.2. Refletindo sobre a literatura na escola ou do caráter humanizador da literatura

A experiência que é objeto do presente relato concerne a uma prática desenvolvida em sala de aula em que se procurou provocar nos alunos de uma escola estadual reações diante do texto literário e, com isso, contribuir para uma vivência no mundo mais reflexiva. A literatura é, com efeito, para nós, uma importante ferramenta de conscientização ou, como sugeriu Laura da Silva Paula, em sua obra intitulada *Teoria da Literatura*, de “humanização”. De acordo com essa autora, “A literatura é ação intensa porque interfere na formação das consciências humanas” (p. 23). É que a literatura tem uma capacidade de humanização; ela transforma, estimula a elevação da consciência humana. O ser humano está sempre aprendendo e, por meio do exercício constante do que é denotativo e conotativo, pode perceber o mundo sempre a partir de um olhar diferente.

Paula estende o conceito de leitura, evitando assim a já tradicional redução do literário ao texto escrito. Para ela, “a leitura é tudo aquilo que recebemos do mundo, estamos ‘lendo’ o tempo todo e com todos nossos sentidos” (p. 37) e, nesse sentido, tudo é texto.

A autora propõe uma abordagem do texto literário em que primeiramente procura-se buscar um entendimento do autor, seu modo de ver as coisas, assim como sua opinião sobre o mundo e os outros. Na relação professor/aluno, há, a partir do acompanhamento das interpretações que se produzem em sala de aula, o empréstimo de “novos olhos”, ampliando, assim, o entendimento do mundo. Dessa forma, a literatura tem um caráter transformador.

Sobre o lugar da literatura na vida dos seres humanos, Antonio Candido, em seu texto intitulado “O direito à literatura” (1995), observa que a “fabulação” tem uma importância profunda na vida das pessoas. Nessa reflexão, o autor observa que os notáveis progressos sociais que a sociedade atingiu com o passar do tempo nos conduziram ao máximo de racionalidade técnica e domínio sobre a natureza. Em contrapartida, a irracionalidade comportamental foi

igualmente acentuada, e os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. Mas, embora imersos em um contexto atroz, pode-se observar a presença de elementos animadores, como, por exemplo, o fato de não haver de forma positiva perante a sociedade a glamourização de atos violentos, e quando isso ocorre, não ocorre senão de maneira escondida, do contrário gerará constrangimento àqueles que comungam de pensamentos arcaicos. Para o autor, há um pressuposto em pensar em direitos humanos, que é reconhecer que o que é indispensável para nós é também indispensável para o outro. E nesse sentido, não seria absurdo reivindicar o direito à literatura, para todos, um direito que confere a qualquer indivíduo o acesso aos clássicos.

Apoiando-se em Joseph Lebet, Candido distingue os bens compressíveis dos bens incompressíveis. Estes concernem aos bens fundamentais, enquanto aqueles aos bens acessórios. De acordo com o autor, são bens incompressíveis “a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc. ; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer” e, ao final, pergunta o autor, “por que não a arte literária?”. O autor então chama a atenção para a necessidade da literatura na vida dos seres humanos, porque o ser humano necessita, em sua vivência particular, da fabulação. Trata-se de uma necessidade que precisa ser satisfeita, colocando, assim, à literatura entre os direitos fundamentais das pessoas. A literatura possui uma função instrumental na sociedade, pois por meio dela ocorrem os processos de instrução e educação. Ela, desse modo, tem como principal característica sua função humanizadora.

1.3. O texto literário na sala de aula: a abordagem leitura subjetiva

Em seu artigo intitulado “Para Uma Didática da Implicação em Literatura de Textos Literários: A função das Marcas da Subjetividade do Leitor”, Rosiane Xypas (2018) critica o ensino habitual de literatura, que se restringe apenas ao ensino de história da literatura e resumos de obras literárias, o que pode fazer com que o texto literário se torne mero pretexto para abordar conteúdos outros. Para a autora, “é necessário que a Literatura na escola seja contemplada com um agir professoral que viabilize seu ensino, por pelo menos dois motivos: o primeiro é que não pode mais haver Literatura sem leitura de textos literários; e o segundo, é que leitura se ensina”.

Xypas observa a presença da intencionalidade do autor no texto literário, acrescentando a existência de um pacto com o texto que se estabelece por parte do que ela chama de “leitor real”, isto é o leitor “que tenta apreender o texto com suas faculdades de cognição e de metacognição, de razão e de emoção” (p. 165). Esse tipo de leitor possibilita o preenchimento de lacunas deixadas pelo texto.

De acordo com a autora, a leitura é uma atividade que demanda tomada de consciência, ela pode ser ensinada e não apenas controlada, permitindo a transformação de significados por meio da subjetividade daquele que lê. É preciso, então, se perguntar: “como desenvolver na escola, na formação de leitores de textos literários a explicitação da subjetividade desses sujeitos?” (p. 167).

O que se discute aqui é a maneira como se dá a didatização da subjetividade. Xypas parte de dois tipos de subjetividade: a “perceptível-analisável” e a “perceptível não-analisável” (p. 167). No que concerne à manifestação da subjetividade de leitura “perceptível não-analisável”, este é definida como sendo a leitura que sempre escapará do próprio leitor que a experimenta. Já a subjetividade perceptível “não-analisável”, esta se manifesta no foro íntimo, na intimidade de quem lê. Xypas observa que “desta leitura o sujeito leitor guarda algo que desconhece, mas (quase) sempre desabrocha quando lê um texto que lhe emociona” (p. 167).

Ao abordar a subjetividade como algo 'perceptível e analisável', a autora explora a dimensão que emerge da prática da releitura. É nesse processo que o leitor toma consciência das impressões que a obra provocou nele. A leitura de textos literários, nessa perspectiva, transforma o sujeito leitor em um agente social consciente de suas emoções, uma vez que o texto impacta o leitor em diversas dimensões: psicológica, social, emocional, cognitiva, entre outras.

No livro intitulado 'A Leitura Subjetiva no Ensino de Literatura: Apropriação do Texto Literário pelo Sujeito Leitor', Xypas visa orientar o leitor na implementação de práticas de ensino/aprendizagem baseadas na receptividade dos textos literários. A autora apresenta metodologias que facilitam o encontro do leitor com o texto, promovendo assim a receptividade a reações sensíveis e interpretações plurais. Isso implica uma conjugação entre a criatividade na recepção e uma reflexão criativa. De acordo com Xypas, desde a década de 1970, os estudos sobre poesia, prosa e teatro têm atribuído significativa importância às teorias da estética da recepção, que direcionam sua atenção para o leitor durante a leitura do texto literário.

Xypas observa que a presença da literatura no contexto escolar demanda uma abordagem docente que promova o ensino efetivo, destacando dois pontos fundamentais: primeiro, a literatura não pode mais ser dissociada da leitura de textos literários; segundo, o desenvolvimento da compreensão escrita é essencial, pois nenhum conhecimento é construído fora da consciência (p. 12). Nesse sentido, busca-se explorar a participação ativa do leitor na leitura, uma vez que é o leitor que reconhece a intencionalidade textual e estabelece uma conexão significativa com o texto. Esses elementos são cruciais para o desdobramento da verdade textual, do 'acontecível'. Estabelece-se um pacto com o texto, resultando em sua ampliação, momento em que se destaca a influência significativa das teorias da leitura subjetiva (LS), conforme conceituado por Xypas (2018). A abordagem da LS não apenas enxerga o texto literário como uma fuga da realidade, mas também como um resgate da memória do leitor.

É essencial criar o perfil de um leitor autêntico, o “leitor real” (p. 13), alguém que se empenha em compreender o texto através da razão e da emoção, expressando de maneira clara as impressões que a obra literária desperta nele. Este leitor habilmente preenche as lacunas deixadas no texto, construindo, com a presença de suas marcas de subjetividade, sua própria interpretação. Xypas destaca que o ato de ler não deve se dissolver diante do processo de aprendizagem, e as atividades de leitura não devem ser projetadas para o fracasso, culpando tanto o texto quanto o leitor. Tais abordagens atribuem uma culpabilidade ao texto literário que não lhe é inerente, ao mesmo tempo que rotulam o leitor como incapaz - paradigmas antiquados que devem ser superados.

Segundo a autora, “a leitura é uma atividade que demanda conscientização, podendo ser ensinada e não apenas controlada” (p. 14). Trata-se de um processo influenciado por diversas variáveis que moldam o resultado da ação, e a compreensão do texto possibilita sua ressignificação. O texto destaca o universo social do leitor, alcançando seu ápice na reapropriação realizada pelo leitor em contato com a obra, na construção do seu próprio texto de leitor. Todo sujeito leitor é um aprendiz da obra, enriquecendo sua interpretação com suas experiências de vida, razão e emoção, aspectos destacados pelos estudos literários que ressaltam a importância da recepção das obras literárias.

Xypas distingue a experiência estética de outras atividades, ressaltando que ao contemplar a obra, o indivíduo se liberta do imaginário que restringe a realidade cotidiana. Essa libertação da consciência torna o ser humano receptivo a experiências além das reais, impulsionado pelo prazer estético. Xypas destaca alguns pontos cruciais para a realização dessa libertação na

experiência estética: a consciência, como atividade produtora, cria um mundo que é sua própria obra; a consciência, enquanto atividade receptora, busca renovar a percepção do mundo; e a experiência subjetiva conduz à experiência intersubjetiva.

O leitor surge como elemento literário de análise urgente nos estudos literários, entretanto, essa teoria frequentemente não recebe a devida importância, sendo ignorada por profissionais da área. Uma crítica adicional refere-se aos livros didáticos, que se mostram limitantes ao restringirem-se apenas a obra e autor, desconsiderando significativamente o prazer do leitor em contato com a obra. Como resultado, não há atividade que expresse a subjetividade do leitor como uma construção de sentido, uma resignificação do que foi lido. Enfrentamos o estereótipo do leitor perfeito, porém abstrato, distante do 'leitor real'. A recusa em reconhecer o papel do leitor tem raízes no positivismo, no formalismo, alimentada também pelo New Criticism e, por fim, pelo estruturalismo nos textos literários. É imperativo que o professor, em sala de aula, permita a inserção do sujeito leitor como elemento legítimo e participante ativo da obra.

É crucial investigar as reações inerentes ao sujeito leitor, aproximando-o de sua identidade como leitor literário. No que diz respeito à leitura, Xypas observa que o professor deve permanecer atento para evitar que o sujeito leitor se sinta confrontado pelo texto polissêmico, no qual a dimensão linguístico-cultural está proeminentemente presente, podendo desencadear diversas inseguranças cognitivas e emocionais (p. 21). Nesse sentido, é importante considerar que a leitura literária evoca uma gama variada de emoções no leitor.

A partir de uma análise de experiência pedagógica, notou-se entre os alunos uma falta de vivência estética prazerosa, sendo a dimensão cultural responsável por essa ausência. Não é suficiente que o aluno apenas compreenda o código linguístico; é igualmente essencial que ele aprenda os elementos culturais, os quais perduram mesmo após o término da leitura. Assim, percebe-se que o novo leitor necessita desenvolver a dimensão intercultural

É comum ouvir que alunos não gostam de ler, no entanto eles leem diversas obras fora do programa escolar. As teorias de leitura subjetiva parecem ser mais do que nunca necessárias porque busca permitir uma experiência significativa, para além da mera aprendizagem de conteúdos, normalmente tida como a única atividade que se pode ter em uma escola, ao passo que sabemos, com base nas ideias que apresentamos aqui, que é preciso romper com essa representação e reencontrar o verdadeiro papel da escola e da literatura como fontes inesgotáveis de poder social.

2. Um encontro com a prática docente: minha experiência no processo de formação de leitores

2.1. O curso: descrição do espaço, objetivo, público-alvo, duração e materiais

O curso que desenvolvi se realizou na Escola Estadual Ana Lins, dirigida, dirigida pela professora Rita de Cassia M. S. Santos. A Escola se localiza à Rua Senador Máximo, número 130, no Centro de São Miguel dos Campos, no estado de Alagoas.

Sua estrutura é composta por biblioteca, laboratório de ciência, laboratório de informática, auditório, pátio coberto, pátio descoberto, sala dos professores e refeitório. Em seus espaços, é disponibilizado acesso a uma rede de Internet Banda Larga.

O curso teve por objetivo desenvolver a competências de escrita, leitura, interpretação, crítica e articulação intertextual, assim como desenvolver o hábito da leitura. Seu público-alvo foi constituído por alunos do ensino médio do turno da manhã.

Os encontros foram semanais com duração de duas horas e trinta minutos, às segundas-feiras, se iniciando às quatorze horas. Foram no total seis encontros.

Quanto aos materiais, utilizamos: um computador portátil, telefones celulares, documentos em PDF e materiais escolares dos próprios alunos.

2.2. Breve descrição dos encontros: diário de bordo

18 de agosto

Tive um primeiro contato com a escola com o objetivo de apresentar o projeto do curso de extensão. Após um breve diálogo com a direção e alinhamentos referentes a horários e espaço disponível, apresentamos a proposta aos estudantes. Nessa mesma ocasião, pude conhecer a supervisora, que foi muito solícita.

29 de agosto

Retornei à escola, desta vez com o objetivo de divulgar a ação de extensão. Inicialmente, afixamos um cartaz em um ponto de grande visibilidade no interior da escola. Depois, abordei diretamente os alunos, percorrendo as salas a fim de fazer um levantamento sobre o interesse dos discentes. Nesse mesmo dia, uma ficha foi disponibilizada aos interessados para que pudessem fazer sua inscrição, o que poderia ser realizado no prazo máximo de uma semana.

1º de setembro

Voltei à escola para recuperar as fichas de inscrição e confirmar a realização da ação à Direção. Inicialmente, a ideia era acolher dez pessoas. Criei um grupo no Whatsapp para uma melhor comunicação com a turma. Em outro momento, verifiquei a disponibilidade dos materiais de apoio e as atividades a serem produzidas.

4 de setembro

Iniciou-se o curso com as apresentações, onde estagiário e alunos compartilharam informações sobre seus perfis e gostos pessoais, proporcionando uma primeira sondagem. Em seguida, uma exposição delineou os objetivos do curso de extensão. As partes do programa foram previamente apresentadas, seguidas por uma abordagem da obra a ser estudada em sala de aula, juntamente com uma introdução à autora, Françoise Ega. A relevância dessa primeira aula foi evidenciada pela análise detalhada da vida da autora, incluindo contexto sociocultural, desafios enfrentados na Europa e sua nacionalidade.

Esses elementos forneceram uma base sólida para explorar também a figura de Maria Carolina de Jesus, autora de 'Quarto de Despejo', uma obra de grande repercussão pós-1964. O apoio visual para essa apresentação incluiu uma projeção com imagens das autoras e pontos cruciais para discussões pertinentes ao momento.

Num intervalo de cerca de 30 minutos, os alunos foram instigados a redigir, em seus cadernos, um texto de natureza analítica, explorando suas percepções pessoais sobre os desafios

enfrentados por Françoise Ega. O propósito era responder a questões fundamentais: Qual é a sua análise sobre a vida da autora? Você está familiarizado com eventos históricos, aspectos cotidianos ou outros elementos que dialoguem com a obra de Ega? Como você imagina a busca por melhores condições para a autora?

Essa atividade visava não apenas desenvolver um pensamento crítico, mas também aprofundar a compreensão dos aspectos do romance. Foi empregado o método sociointerativo, utilizando o romance 'Cartas a Uma Negra'. Após identificar uma temática central, provocativas questões foram apresentadas, construindo assim um conhecimento coletivo que ofereceu a todos a oportunidade de desenvolver produções textuais futuras.

Após essa atividade passamos à primeira parte do livro *Cartas a Uma Negra* quando se deu início às leituras dos capítulos 1, 2 e 3, somando um total de 58 páginas. Previamente, foram utilizados vinte minutos para discutir sobre o que seria exploração trabalhista e em quais passagens do texto isso poderia ser observado. Os conceitos de exploração e trabalho foram retirados de manuais das áreas da filosofia e sociologia. Após uma discussão e esclarecimento desse fenômeno social, foi feita a leitura comentada, pausada, e foram pontuados trechos previamente escolhidos para evocar a análise subjetiva dos alunos. As avaliações foram feitas mediante produção escrita textual e interação em aula. No grupo criado, disponibilizei a primeira parte do texto para finalização da leitura. O objetivo era encontrar na obra eventuais situações de exploração trabalhista para discutir na próxima aula. Pedi que construíssem uma síntese em seus cadernos ou um mapa conceitual.

11 de setembro

O segundo encontro teve lugar no dia 11 de setembro. Retomamos pontos importantes da aula anterior, assim como resgate de pontos discutidos em sala de aula colhendo das alunas suas análises subjetivas sobre o texto: pontos que julgaram importantes, algo que poderiam relacionar ao fragmento textual... Foram feitas perguntas referentes às páginas finais para checagem da leitura. Para isso foram dedicados cerca de 30 minutos.

Em seguida, como atividade de produção, foi sugerido a recuperação das leituras feitas em casa, assim como a utilização da última atividade, a fim de que elas construíssem paralelos com o tema posterior.

Tivemos então uma atividade que abordou em sala de aula o tema da alienação. Como introdução, utilizei manuais das áreas de filosofia e sociologia. Posteriormente, como atividade de produção, foi sugerido a identificação de pontos que ilustrassem algum episódio de alienação no texto. Para tal, foram propostas as seguintes questões: 1) é possível fazer paralelos entre a temática trabalhada na aula de hoje com a da aula anterior? 2) Quais? 3) Como essas temáticas interagem com o romance? 4) Vocês já passaram por um momento de alienação? Mais uma vez foram abertos espaços para o recrutamento de material subjetivo, coisa que as fizeram se sentir concernidas, por invocar experiências pessoais. Com essa atividade fechamos o primeiro ciclo de uma hora e partimos para a leitura dos capítulos: 4, 5, 6, 7 e 8.

Utilizamos para essa leitura 1h30 min com leitura comentada, pausada, utilizando os trechos previamente selecionados, a fim de discutir sobre o que seria alienação e em quais momentos seria possível encontrar situações de alienação durante a leitura do texto. Como atividade para casa foi sugerido uma pesquisa sobre o que foi a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Foram enviados endereços eletrônicos que proporcionavam acesso a vídeos do Youtube (julguei necessário, pois como ela teriam que escrever textos argumentativos dissertativos, e precisariam de um repertório sociocultural). Ambos os temas se articulam com diversas temáticas normalmente presentes nos textos em geral, mas sobretudo do ENEM. Assim houve a segunda produção textual de no máximo uma lauda que buscava relacionar as temáticas da aula 1 e 2 em um texto, com o objetivo de fornecer um diagnóstico quanto à capacidade de produção textual das alunas. Para ampliar o repertório, como exercício extra, posteí no grupo a canção “Construção”, de Chico Buarque, para que as alunas exercitassem a busca por episódios de alienação em outro tipo de *corpus*, para além do texto trabalhado.

18 de setembro

Inicialmente, concedeu-se um período de até 30 minutos para que as alunas organizassem suas ideias, aproveitando esse momento para promover a interação entre elas, visando construir um conhecimento coletivo. Em seguida, ocorreu uma revisão dos pontos-chave da aula anterior, utilizando as sínteses das alunas e suas produções escritas. Posteriormente, realizaram-se apontamentos entre as produções e sínteses, buscando resgatar informações e abordar temas discutidos.

Num segundo momento, as produções foram recolhidas, seguido pela apresentação da temática que serviria de ponto de diálogo com a leitura. Abriu-se um espaço para que as alunas compartilhassem fragmentos subjetivos das páginas lidas. A atividade de produção deu continuidade ao encontro, abordando o tema do racismo. Após uma apresentação conceitual e histórica desse fenômeno, foi proposta a seguinte atividade: identificar pontos que ilustrem episódios de racismo no texto (duração de 1 hora). Além disso, foi fornecida uma questão norteadora para reflexão: “Após as temáticas abordadas até o momento (alienação, trabalho e escravidão), desenvolvam um texto dissertativo-argumentativo com o tema: Qual a importância da capacidade crítica do indivíduo na construção de uma sociedade melhor?”, estabelecendo paralelos com algum episódio do livro *Cartas a Uma Negra* de Françoise Ega.'

Essa atividade foi concebida como um parâmetro para as próximas tarefas de produção, visando auxiliar as alunas na escrita. Para essa produção, foi encorajado o uso de suas anotações e conteúdos previamente compartilhados no grupo. O segundo momento do grupo foi marcado pela leitura dos capítulos 9, 10 e 11.

A leitura neste momento visou explorar possíveis instâncias de escravidão e racismo no livro, destacando os momentos em que essas temáticas poderiam ser identificadas durante a leitura. Até então, conceitos relacionados foram discutidos em aulas anteriores, apoiados por manuais de sociologia e filosofia. A leitura prosseguiu de maneira comentada e pausada, com a escolha prévia de trechos para estabelecer uma conexão temática.

Como tarefa de casa, propusemos no grupo o seguinte exercício: 'Elaborem um texto dissertativo-argumentativo com o tema: 'Qual a importância da capacidade crítica do indivíduo na construção de uma sociedade melhor?', solicitando paralelos com algum episódio do livro 'Cartas a Uma Negra' de Françoise Ega.' Além disso, foram compartilhados links para vídeos que abordavam diversos tipos de escravidão, como social e intelectual, enriquecendo a compreensão do tema.

Essa atividade representa o primeiro passo para adentrarmos na estrutura textual presente no texto argumentativo-dissertativo, formato comumente avaliado em exames como o ENEM. Também disponibilizamos uma folha de redação seguindo os moldes estabelecidos pelo ENEM.

25 de setembro

O quarto encontro ocorreu no dia 25 de setembro. Como atividade introdutória, retomamos, como temos sempre feito, aspectos trabalhados nas aulas anteriores. Em seguida, solicitei às alunas que lessem em voz alta a produção textual referente à aula 3. Depois disso, procedemos a uma comparação entre as produções. A discussão girou em torno das finalidades da introdução de um texto dissertativo-argumentativo, assim como de sua estrutura: repertório sociocultural, relacionamento com o tema, encaminhamento argumentativo ou fechamento do parágrafo. Seguiu-se, então, com uma atividade de produção escrita em que as alunas, inicialmente, procederam a uma autoavaliação, avaliando o próprio texto, tomando como base a discussão previamente desenvolvida. Em seguida, as alunas foram convidadas a redigir um texto dissertativo-argumentativo a partir da seguinte questão: “Qual a importância da capacidade crítica do indivíduo na construção de uma sociedade melhor?”, procurando fazer relações com algum episódio do livro *Cartas a Uma Negra* de Françoise Ega.

Este conjunto de atividades foi realizado em um período de 1 hora. Na parte final do encontro, nos dirigimos à obra *Cartas a Uma Negra* com o propósito de realizar a leitura dos capítulos 12, 13, 14 e 15. Durante essa sessão, proporcionamos espaço para discutir o conceito de machismo e compreender os diferentes conceitos que as alunas possuíam sobre o tema. Essa discussão orientou nossa leitura subsequente, permitindo-nos identificar os momentos em que é possível encontrar no texto manifestações de machismo e justificar essa relação com elementos presentes na obra. Utilizamos manuais das áreas de filosofia e sociologia para embasar nossa análise.

A leitura foi comentada e, em alguns momentos, pausada para refletir sobre trechos previamente selecionados. Como atividade de casa, solicitamos ao grupo a correção do texto, com foco nos apontamentos e discussões realizadas no início da aula, além da conclusão da leitura dos capítulos 14 e 15. Destacamos a importância das leituras do texto no processo de escrita e articulação, dada a presença de diversas temáticas na obra, altamente relevantes para uma pluralidade de abordagens argumentativas.

2 de outubro

No quinto encontro, a primeira atividade foi voltada para resgatar os aspectos importantes da aula anterior. Inicialmente, realizamos a leitura em voz alta das produções solicitadas anteriormente. Após essa etapa, concedemos um tempo para que os textos fossem comparados, seguido de uma discussão sobre a finalidade da parte de desenvolvimento em um texto dissertativo-argumentativo. Exploramos a estrutura que compõe essa seção, abordando elementos como conectivos, causas, detalhamento do problema, encaminhamento argumentativo e fechamento do parágrafo.

Posteriormente, discutimos pontos relevantes dos direitos humanos que se conectavam com nossa leitura do texto *Cartas a Uma Negra*. Antes de nos aprofundarmos no texto propriamente dito, propusemos uma atividade de produção que consistia na avaliação do próprio texto, utilizando como referência as discussões sobre a finalidade do desenvolvimento. Em seguida, os alunos redigiram um texto dissertativo-argumentativo em resposta à questão: “Qual a importância da capacidade crítica do indivíduo na construção de uma sociedade melhor?”. Eles foram orientados a buscar relações com episódios do livro *Cartas a Uma Negra*, de Françoise Ega.

A primeira parte da aula teve uma duração de 1 hora, sendo dedicada à leitura dos capítulos 16 ao 18 do referido livro. Nosso objetivo ao realizar essa leitura foi identificar momentos em que fosse possível encontrar fragmentos que dialogassem com os direitos humanos, visando desenvolver a competência de intertextualização. Como base para a construção conceitual, recorreremos aos conhecimentos das áreas de filosofia e sociologia, presentes em manuais especializados. A leitura foi comentada e pausada, com seleção de trechos previamente lidos. Como atividade de produção foi sugerido no grupo que as alunas reconstruíssem os textos, agora com o um modelo de introdução e esqueleto esquemático da introdução e desenvolvimento, bem como uma tabela com os conectivos mais comuns e suas finalidades na construção textual. Foi solicitada a correção da introdução com base na estrutura oferecida e discussões em aula, assim como conclusão do desenvolvimento. Foi solicitado o envio dessa atividade dias antes do próximo encontro para que fossem feitos apontamentos.

Pedi para que finalizassem também o capítulo 18 do livro, buscando nele algum repertório que as auxiliasse na construção do texto.

2 de outubro

O sexto encontro ocorreu no dia 9 de outubro. Iniciamos retomando, como de hábito, aspectos importantes da aula anterior. Inicialmente, as alunas fizeram a leitura da produção solicitada na aula 5. Depois disso, elas procederam a uma comparação de sua produção. Falamos brevemente sobre os elementos trabalhados até o presente momento que compõem cada parte do texto argumentativo- dissertativo. Iniciamos então uma discussão sobre a finalidade da conclusão em um texto dissertativo-argumentativo, assim como sua estrutura: conectivo conclusivo, retomada, solução: quem? O quê? Modo? Finalidade? Como atividade de produção, as alunas avaliaram os próprios textos (em dupla), usando como referência as discussões previamente desenvolvidas. Em seguida, solicitei-lhes que corrigissem o texto anterior, dissertativo-argumentativo com o seguinte tema: “Qual a importância da capacidade crítica do indivíduo na construção de uma sociedade melhor?”, utilizando as bagagens de leituras até ali acumuladas, como por exemplo, algum episódio do livro *Carta a uma Negra* de Françoise Ega.

No grupo WhatsApp encaminhei-lhes seus textos com apontamentos sobre pontos mais urgentes a serem considerados e um guia completo que fornece orientações sobre como redigir a introdução, o desenvolvimento e a conclusão de um texto dissertativo-argumentativo. Optei por uma correção assíncrona dos textos, com prazo de entrega até o dia 17 de outubro às 19 horas.

3. Reflexões sobre a prática docente desenvolvida neste trabalho

Durante minha esta experiência, pude me aproximar de todo o processo que envolve o agir professoral (esse termo é empregado por Xypas). Esse agir no âmbito deste trabalho toca três pontos em particular: o primeiro concerne à capacidade de tornar o indivíduo um ator social por meio da experiência com a leitura do texto literário; o segundo diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de lidar com o medo do texto literário por parte dos leitores; por fim, o terceiro tem a ver com o desenvolvimento de atividades que permitam ir além daquilo que é puramente escolar, provocando no leitor reações que mobilizam sua subjetividade, torando-o protagonista desse processo.

Pudemos, com esta experiência, ter a consciência do caráter fundamental que tem o papel do professor nesse processo e perceber mediante a prática a importância das discussões desenvolvidas por Pimenta e Lima (2010). Pudemos, também, ter a consciência da importância de a sala de aula visar a formação do aluno como um “ator social”, capaz de responder de forma ativa ao processo de ensino/aprendizagem, que é, segundo Xypas, um processo interacional, que se manifesta sempre em função de escolhas feitas antes de se ler o texto. Foi notória a importância do desenvolvimento da capacidade analítica do professor, que deve ser capaz de propor atividades, a partir de sua observação refletida da realidade, que desencadeiem dinâmicas interpretativas que rompam com o modo tradicional de abordar a literatura, que distancia o aluno de sua realidade. É preciso, sem dúvida, mais do que nunca, talvez, um outro agir professoral, outro modo de ler texto literário. Considerando a ideia aqui mencionada, segundo a qual tudo é texto, as contribuições da abordagem da leitura subjetiva são inestimáveis e urgentes.

Quando o nosso olhar do cenário educacional é distante, quando não estamos dentro desse processo, ocupando um lugar ativo, nossa análise é necessariamente limitada, e isso pode nos levar a visões muito pessimistas da complexa realidade que nos circunda. Porém, a partir do momento em que nos envolvemos, a partir do momento em que nos sentimos implicados, podemos sentir que, para além das visões pessimistas, há uma esperança que resiste e pulsa e que se pode observar no agir de colegas e de alunos ; são pessoas que ainda acreditam em tempo melhores e que o demonstram por meio de

suas ações e seu desempenho no cotidiano da prática. É possível perceber, para além da das nuvens um arco-íris em cada canto.

Durante a minha prática, em que tive como objetivo inicial provocar nos alunos o hábito da leitura e também a cultura do diálogo, da participação, do engajamento, deixando de ser meros espectadores das aulas e do mundo, pude perceber o papel que a literatura pode vir a desempenhar nesse processo, tomando consciência, pela prática, estes dizeres de Antonio Cândido: “na nossa sociedade a literatura tem sido um instrumento poderoso na instrução e educação”.

É importante e urgente a ressignificação das práticas escolares e do lugar do professor e do aluno, pois não basta o mero uso da literatura em sala de aula, se esta não fizer sentido para o aluno e para o professor. Como afirma Xypas, a leitura é uma atividade que demanda tomada de consciência, ela pode ser ensinada e não apenas controlada, permitindo a transformação de significados por meio da subjetividade daquele que lê. Essa subjetividade uma vez que evocada, criamos para o aluno um ambiente propício ao exercício de atividades de tomada de consciência, o que pude testemunhar ao longo das aulas, pois as alunas muitas vezes acrescentavam às discussões trazendo apontamentos pessoais que a tiravam do mero lugar de espectadoras.

Conclusão

Conforme expresso por Thomas Hobbes, proeminente filósofo inglês nas ciências sociais, a célebre afirmação de que "O homem é o lobo do homem" sugere a propensão inerente do ser humano em ser o seu próprio maior adversário. Contudo, é possível reinterpretar essa frase em contextos mais pessoais, considerando que, em determinados momentos de nossas vidas, o "homem" mencionado pelo filósofo não é necessariamente um terceiro, mas, sim, uma representação de nós mesmos.

Em distintos momentos e esferas de nossas vidas, tornamo-nos nosso próprio "lobo". Esse "lobo", por vezes, assume formas imperceptíveis e manifesta-se de diversas maneiras em nosso cotidiano. Um exemplo notável é a presença de crenças limitantes que sabotam nossa capacidade de alcançar a excelência, apesar de ser inerente ao ser humano possuir falhas tão naturais quanto as aves possuem a habilidade de voar.

Esta nova experiência como professor em formação confrontou-me com algo que, por um tempo, quis adiar em minha vida: o papel de "ser professor". Ao assumir essa função, tornou-se evidente o quanto ainda tenho a aprender e aprimorar, um sentimento, talvez, compartilhado por todos que trilham esse caminho. Nesse contexto singular, emergiu um significado profundo para mim, acompanhado de uma crescente admiração por esse constante processo de aprimoramento.

Hoje, sinto-me imensamente satisfeito, pois, na medida do possível, pude desempenhar um papel significativo na vida das minhas alunas, e isso me enche de orgulho ao testemunhar os pequenos frutos diários que estão sendo colhidos, como o empenho visível de uma aluna ou de outro aluno. Mesmo diante dos desafios inerentes à profissão, é notável a dedicação dos profissionais para alcançar resultados concretos. A recepção calorosa e a disponibilidade dos colegas também merecem destaque, pois contribuem significativamente para o ambiente colaborativo e inspirador em que trabalhamos.

Segundo Antonio Candido, a literatura desempenha um papel fundamental na formação da personalidade. Ao utilizar a literatura como um meio de humanização, é imperativo definir o que entendemos por esse termo. A humanização, nesse contexto, refere-se ao processo que reforça nos indivíduos características intrínsecas, tais como uma disposição benéfica para com o semelhante, um polimento emocional, capacidade de penetração as problemáticas cotidianas da vida, assim como o senso de beleza e a complexidade do mundo. A literatura, ao oferecer

um conjunto de fatores cruciais, como expressividade e ser uma fonte de conhecimento, desempenha um papel vital para os propósitos almejados. Esses elementos colaboram para a organização do espírito humano, conseqüentemente auxiliando na estruturação da visão do homem sobre o mundo. O texto literário, ao convidar-nos a aprimorar nossas percepções, especialmente no que diz respeito à sociedade, proporciona uma perspectiva única e alheia, própria do autor.

Posso dizer, enfim, que o presente trabalho mostrou duplamente o poder da literatura na formação do indivíduo. De um lado, a literatura contribuiu com a formação de alunas que, ao participarem do curso oferecido no âmbito desta ação de extensão, puderam manifestar sua subjetividade, em resposta às discussões, motivadas pelas leituras feitas em sala de aula. De outro, a literatura contribuiu com a minha própria formação como ser humano, capaz também de ler o mundo e de ressignificá-lo e de ressignificando-o, ressignifica a mim mesmo.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. **Vários escritos**. 3º ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.

EGA, Françoise. **Carta a uma Negra**. Tradução Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.

FRANÇOISE EGA. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7oise_Ega. Acesso em 29 de agosto de 2023.

GILBERT, Cotrim; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 2010.

PAULA, Laura da Silva. **Teoria da Literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010, 5. ed.

MACHADO, Igor; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso. **Sociologia Hoje** (BNCC Ensino Médio). São Paulo: Ática, 2016.

XYPAS, Rosiane Maria Soares da Silva. “Para uma didática da implicação em leitura de textos literários: a função das marcas da subjetividade do leitor”. **EntreLetras**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 164–179, 2018a. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/5774>. Acesso em: 16 nov. 2023.

XYPAS, Roseane Maria soares da silva. **A Leitura Subjetiva no Ensino de Literatura: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor**. Olinda: PEIXINHOS, 2018b.